



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

EPISTEMOLOGÍAS CRÍTICAS E O PROBLEMA METODOLÓGICO NO CAMPO DA INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA

Resumo

O objetivo deste artigo é criticar a relação entre teoria e prática metodológica a partir de uma perspectiva indisciplinada de “teorias críticas periféricas” (Grüner, 2016) para ultrapassar os limites da ciência colonial moderna e provocar uma discussão crítica no campo problemático da Pedagogia. E assim enriquecer não só os nossos espaços de investigação, mas também a abordagem a situações complexas. Primeiramente apresento o contexto atual, em seguida identifico minha abordagem e alguns problemas epistemológicos e por fim localizo a proposta de Paulo Freire, baseada no diálogo e na problematização, destaco o problema da desumanização e a influência de Frantz Fanon. Indisciplinar nossa tarefa de pesquisa no campo da Pedagogia é uma necessidade que na nossa contemporaneidade tem caráter de urgência: política.

Palavras-chave: epistemologias, metodologias críticas, pesquisa, Pedagogia.

Resumen

El propósito de este escrito es criticar la relación entre teoría y práctica metodológica desde una perspectiva indisciplinada de “teorías críticas periféricas” (Grüner, 2016) para ir más allá de los límites de la ciencia colonial moderna y provocar una discusión crítica en el campo problemático de la Pedagogía. Y así enriquecer no sólo nuestros espacios de investigación, sino también el abordaje de situaciones complejas junto con otros. Primero, presento el contexto actual, luego identifico mi enfoque y algunos problemas epistemológicos y finalmente ubico la propuesta de Paulo Freire, basada en el diálogo y la problematización, resalto el problema de la deshumanización y la influencia de Frantz Fanon. Indisciplinar nuestra tarea investigativa en el campo de la Pedagogía es una necesidad que en nuestra contemporaneidad tiene el carácter de: urgencia política.

Palabras claves: epistemologías críticas, metodologías críticas, investigación, Pedagogía.

Introducción

Sostengo junto com outras e outros colegas do campo das ciencias sociais e humanas: que investigar não é uma instancia fechada e autosuficiente, sino que é uma posicionalidade que se constrói e produz a partir de políticas académicas que circulam pelos discursos e pelas práticas atravessadas pela "colonialidade" Quijano, 2000, Fernández Mouján, 2016; Rufer, 2022). Por isso acho que é necesario problematizar nossas pesquisas é deixar de reproduzir o isolamento, dispersão e fragmentação de nosso campo pedagógico. E que nossa potencia de agir se encontra em nas ações



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

indisciplinadas em estreita relação com nossos territórios. De ali que considero necessário realizar um duplo movimento, por um lado, gerar discussões ao interior de nossa disciplina e por outro, promover vínculos entre as diferentes disciplinas com as que compartilhamos preocupações teórico-metodológicas para recriar a constituição de novos campos de conhecimento interdisciplinares y transdisciplinares que estejam à altura dos momentos de urgência política. Dicho de outro modo o que, me interessa é: submeter a crítica à relação da teoria com a prática metodológica desde um olhar indisciplinado e de "teorias críticas periféricas" (Grüner, 2016). Porque é importante ultrapassar os limites da ciência moderna, a través de uma discussão crítica da matriz moderno-colonial, possibilitando así a produção de uma episteme que proponha uma praxis que articule saberes, teorias e metodologias, para enriquecer não só nossos espaços de pesquisa sino também o abordagem de problemas sociais complexos junto com outros e reconhecendo vivimos tiempos de urgência política.

Primeiramente vou apresentar o contexto atual. Em segundo lugar: identificarei a minha abordagem e alguns problemas epistemológicos das teorias críticas periféricas; Em terceiro lugar, destacarei Paulo Freire como exemplo paradigmático. proposta na Pedagogia do Oprimido, a partir do diálogo e da problematização do que implica a situação de desumanização, aqui destacarei a influência de Frantz Fanon, com suas contribuições sobre a racialização, o método sociogênico, a ideia de temporalidade e a invenção. Abordagem que considero ajuda, desde o campo das teorias críticas periféricas, a problematizar a relação entre teoria e metodologia no campo problemático da pedagogia.

Nosso contexto contemporâneo

Em nosso presente político e social o que se apresenta é uma racionalidade neoliberal que propõe a naturalização das relações sociais, uma radicalização do



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

individualismo. O neoliberalismo é debatido e confrontado como uma teoria económica, quando em a realidade deve ser compreendido como o discurso hegemónico dum modelo civilizatório, como uma racionalidade, isto é, como uma extraordinária síntese dos supostos e valores básicos da sociedade liberal moderna em torno ao ser humano, a riqueza, a natureza, a história, o progresso, o conhecimento e a boa vida. Nos debates políticos e em diversos campos das ciencias sociais, são notorias as dificuldades para formular alternativas teóricas e políticas à primacia total do mercado, cuja defesa mais coerente é formulada pelo neoliberalismo. O que vem sendo apresentado há 50 anos, principalmente em nossa região a partir das ditaduras militares, é uma mutação na arte de governar, em chave foucaultiana, um conjunto de saberes, tecnologias e práticas que apresentam um novo tipo de racionalidade que não só pode ser pensado como um projecto económico.

É uma forma de governar por medio do impulso às liberdades individuais e à competência por medio do Cálculo que tem seus efeitos duradouros na conformação de nossas subjetividades (Gago, 2014, Laval y Dardot, 2013). O que se acha presente é o impulso narcisista de identificação com os poderosos¹. A partir destas afirmações pode-se identificar uma racionalidade neoliberal, que nos impulsiona a dar rédea solta às nossas paixões mais necrófilas e aos afetos narcisistas (Gago, 2014). Uma racionalidade que entra em jogo nas nossas táticas da vida cotidiana. Uma racionalidade que nos afeta e produz uma subjetividade alienada e competitiva. Seja porque você tem muito ou pouco, acredito que aqui não há classe social nem distinção racial. A partir de baixo proliferam modos de vida que reorganizam as noções de liberdade, cálculo e obediência, projectando uma nova racionalidade e afectividade colectiva onde o colectivo é misto, mas governado pelo cálculo e pelo individualismo. O neoliberalismo,

¹ Problema que Frantz Fanon antecipou com enorme clareza a partir das décadas de 50 e 60 do século XX - noutra realidade política - nos seus livros. *Pele negra, mascaras brancas* (1952) e em *Os condenados da terra* (1961); questão que Paulo Freire levanta em *Pedagogia do Oprimido* (1970).



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

devemos reconhecer, criou raízes, também, nas nossas vidas e práticas quotidianas e académicas.

A extrema competição em nossas academias, o sistema de pontuação de produção, as publicações pagas em revistas do norte global, cada um por si, o fato de "eu ter me feito sozinho ou só por baixo, ninguém me ajudou". Pode-se traçar uma certa analogia entre a racionalidade liberal ancorada no colonialismo passado e a racionalidade neoliberal ligada ao colonialismo empresarial actual que preserva a matriz individualista e racial desse passado que está presente em outras formas de administração governamental que privilegiam a morte e não a vida (Mbembe, 2006). O neoliberalismo colonial é um regime de acumulação global que disputa o poder do Estado, transforma as instituições estatais nacionais e regionais, administra a morte e não a vida (Mbembe, 2006).

O que observamos é a financeirização da vida e o extrativismo, a fome e o desemprego, as guerras e a ocupação de territórios por países ricos e poderosos, que não são outros senão aqueles que realizaram as primeiras colonizações no início da modernidade. Os benefícios da desapropriação são negociados: planos sociais, subsídios de todos os tipos como políticas compensatórias. No caso da Argentina hoje nem isso existe porque a crueldade rege, a "necrofilia"² (Freire, 1970) organiza a vida dos cidadãos, o que se apresenta é uma "necropolítica" (Mbembe, 2011).

Abordagem epistemológica e metodológica

O enfoque epistemológico e metodológico situa-se dentro do campo das "teorias críticas periféricas" (Grüner, 2016), aqui inclui giro decolonial e estudos pós-coloniais. Refiro-me às ideias que, a partir das margens do sistema, sustentam a crítica

² Ideia que Freire levanta em *Pedagogia do oprimido* a partir das ideias de Erich Fromm.



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

da modernidade colonial e das marcas da colonialidade. Ou seja, o que persiste desde o momento inicial da conquista e colonização do nosso território pelos estados europeus. O que Anibal Quijano chama a colonialidade de poder. O que podemos chamar “o colonial” (Rufer, 2022; Catelli, 2018), o colonial, mais do que conteúdo pertencente a um arquivo, configura-se como uma posição complexa formulada no e a partir do presente (Catelli, 2018, p.138). O colonial não é um mero acontecimento, período ou formação histórica, mas uma condição estruturante do nosso presente (Rufer, 2022, p. 11).

Então, é necessário assumir que nossas ideias são atravessadas pela experiência da colonização, que o esquecimento e o apagamento que operaram/operam juntos produzem um vazio, uma *tabula rasa* sobre a qual o presente é erguido e projetado no futuro, não apenas no sistema mundial, mais também no particular, sistema educativo, pilar central do projeto moderno. Ou seja, que a experiência da colonização afeta nossas subjetividades (Fernández Mouján, 2023). Nesse sentido o abordagem crítico periférico e latinoamericano coloca sob suspeita as ideias europeias, os “universales nor atlântico” (Troulliot, 2011) porque organizam nossas vidas e produzem nossas subjetividades e nosso conhecimento colonizado. Também assenta suas bases no potencial de invenção que sempre tiveram as práticas e os saberes de nosso território (em sentido amplo, estou pensando en el territorio académico e do povo).

Foi a partir de meados dos anos 60 que a crítica às formas como as metrópoles se relacionam com a alteridade se radicalizou na América Latina e no Terceiro Mundo. Nesta tradição acadêmica crítica coloco: 1. Os Estudos Pós-Coloniais 2. A Virada Decolonial ou Projeto de Modernidade/colonialidade e a Filosofia da liberação. Os estudos pós-coloniais separam-se da história europeia global para observá-la e analisá-la criticamente. Mas reconhecendo sua condição estruturante em nosso presente. A outra é a tradição associada às teorias latino-americanas é o Projeto Modernidade/colonialidade ou Virada Decolonial, que se reconhece no legado do



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

pensamento latino-americano e caribenho, produções na perspectiva da colonialidade. A descolonização, os representantes desta corrente, pensarão nisso num duplo sentido: epistêmico, descolonizar o conhecimento e político, descolonizar a autoridade estatal e a economia. Eles propõem a geração de um quadro epistemológico que discuta o conhecimento eurocêntrico e resuma o pensamento latino-americano em sua história e cultura. Gerar a transformação do conhecimento eurocêntrico: um “paradigma outro” (Mignolo, 2003).

Ambas as tradições são críticas do colonialismo, da sua violência e do racismo, entendem que o colonialismo não é apenas um problema político, mas também cultural. As teorias críticas periféricas, como disse, dirigem a sua crítica à razão colonial moderna (colonial porque a razão moderna tem uma face negada, que é a colonização, a sua violência e o seu racismo). Estas teorias entrelaçam-se à margem, em lugares escuros ou fechados, até mesmo no silêncio, para explorar as diferentes formas de variedade de discursos e práticas contra-hegemônicas que também definiram ativamente as interações sociais dos seus tempos (Guimarães, 2009). Interessa-me, então, identificar suas marcas e suas implicações em relação ao campo do conhecimento, pois o colonial é apresentado a partir do discurso hegemônico como um momento, um tempo passado que não volta mais e que se estivermos interessados podemos ler ou ver nos arquivos.

Acho que é muito importante analisar as marcas do colonial na produção de nosso conhecimento. Perguntemo-nos como aparecem as marcas discursivas e simbólicas na construção da ideia de América Latina ou Novo Mundo como funções do poder colonial e como isso nos permite pensar a interferência colonial no presente (Catelli, 2018, p. 141- 142). Reconhecer o silêncio do colonial, como o colonial é narrado, no nosso ambiente acadêmico, como está presente nas nossas práticas de investigação.



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

A partir de uma concepção positiva, sustenta-se que as ciências são práticas neutras e a-históricas, que entendem as demais investigadas como objetos de estudo, ou seja, as reifica. A ciência positiva colonial baseia os seus fundamentos em certezas, em verdades essenciais, numa moralidade, numa história e numa razão única que se apoia em ideias universais. O que a razão colonial moderna nos propõe é uma ciência social e humana que dicotomiza e classifica: mundo sensível à razão, sujeito-não-sujeito, sujeito-objeto, conhecimento-conhecimento popular, alta cultura-cultura popular, entre outras dicotomias. Esta abordagem eurocêntrica e positivista que propõe a dualidade sujeito-objeto como pilar da sua forma de construir o conhecimento. Segundo a ciência positiva moderna, esta ação é uma garantia de conhecimento objetivo. Uma “*hybris* de ponto zero” (Castro Gómez, 2007), forjada por cânones hegemônicos, que se baseia na ideia de que a Europa constrói o imaginário universal da superioridade da civilização sobre a barbárie, do branco sobre o índio ou negro.

Assim, o colonialismo não foi apenas um fenómeno de dominação política e económica, mas também exigiu a supremacia do conhecimento europeu sobre os muitos milhares de formas de conhecimento dos povos conquistados e colonizados. Um conhecimento que considera a desencarnação desses outros e onde a descontextualização é valorizada como garantia de objetividade, de forma a situar as nossas ações investigativas no esquema universalista da episteme moderno-colonial, atravessada por estereótipos e identidades essenciais racializadas.

Em disputa com esta razão hegemónica, a razão crítica periférica. Em termos epistemológicos, o que a ciência social crítica e periférica (onde situamos a pedagogia da libertação) propõe é reconhecer a tensão com os pressupostos da ciência colonial moderna que se sustenta na lógica do distanciamento. Em outras palavras, a racionalidade crítica periférica coloca a experiência subjetiva como parte do mesmo processo de construção do conhecimento. As teorias críticas latino-americanas propõem é o diálogo, a horizontalidade, a experiência vivida, nos sujeitos participantes



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

da pesquisa (pesquisadores/pesquisados), e leva em conta a ideia que produzimos a partir de um contexto social e histórico específico, que contempla a historicidade tanto das ideias bem como as ações dos sujeitos participantes.

E implica uma forma de enunciação que se reconhece na tensão subjetividade/objetividade, no autoenvolvimento, na territorialidade e nos problemas que nos são apresentados como realidades a investigar. A contribuição inegável desta tradição crítica reside principalmente em destacar: E algo que marca toda esta epistemologia crítica e periférica é a sua referência a Fanon no reconhecimento da sua tenacidade em rever as filiações intelectuais e políticas para alertar que o processo de racialização que o colonialismo desencadeou, como avançou sobre os.

Por outra parte, é importante considerar que a “alteridade negada” foi de importância crítica para a formação da episteme moderna esclarecida e positivista. Sem o “Resto” o Ocidente não poderia ter-se reconhecido ou representado, no auge da história humana e das ciências. “A figura do ‘Outro’ banida até ao limite do mundo conceptual e construída como o oposto absoluto, como a negação de tudo o que simbolizava o Ocidente – ao mesmo tempo que – o próprio centro do discurso da civilização (Hall, 2013, p. 313-314).

Abordagem epistemológica

A partir desta concepção de pensamento crítico periférico, interessa-me perguntar: Quais são as abordagens metodológicas que são postas em jogo na hora de pesquisar? Estabelecemos uma coerência entre as afirmações críticas mais teóricas e as metodológicas? Somos capazes de observar e analisar nossas limitações e desafios para produzir conhecimento crítico situado? Reconhecemos que não existe uma maneira fácil de prescindir dos “universais do nor-atlântico” (Trouillot, 2016) nas Ciências Sociais e Humanas? Proponho, então, a partir destas interrogações colocar sob suspeita uma



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

epistemologia que seja essencialmente afirmativa dos valores da modernidade e que seja pensada em estrita correlação com as afirmações que emergiram dessa mesma modernidade colonial.

o locus de uma associação que se constrói [...] para compreender o passado não pode ser separada do falar e compreender o presente, assim como o sujeito disciplinar (ou epistemológico) não pode ser separado do sujeito não disciplinar (ou hermenêutico) (Mignolo, 2009, p. 177).

Reconheço-me nas tradições intelectuais que enfatizam epistemologias hegemônicas que ancoram os seus pressupostos na lógica da colonialidade do poder-conhecimento. Não desconheço a tradição crítica europeia, mas ao mesmo tempo quero situar as críticas numa perspectiva territorial, simbólica, cultural, filosófica e geopolítica, porque estas: “emanaram de uma espécie de indescritível, problemática, contraditória, conflituosa, provavelmente encruzilhada insolúvel, entre um dentro e um fora” (Grüner, 2016).

Nessa direção colocamos a ideia acima exposta de que esta epistemologia crítica periférica se baseia na busca de uma produção de conhecimento que leve em consideração os territórios. E é a partir deste ponto de partida que se conhece, reconhecendo o conflituoso, o indeterminado, o inacessível de todo encontro com o outro. Agora, vou revisar as leituras que fiz dos escritos freireanos com foco na *Pedagogia do oprimido*, porque considero que no âmbito das teorias críticas periféricas, nós no campo pedagógico crítico e latino-americano tivemos a contribuição inevitável e fundamental de Paulo Freire. Com meus análises eu estou interessada em ir além da história cronológica ou entronizada para identificar no centro da crítica de Freire estão os problemas e as contribuições anticoloniais e neomarxistas do intelectual martinicano Frantz Fanon. Porque decido trazer Fanon, como já disse, Fanon é um intelectual que se encarregou da urgência política do momento em que viveu. Nesse sentido, eu acho que



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

para Freire ele é um exemplo de crítica obstinada ao humanismo colonial moderno, questionando a visão reducionista do proletariado como sujeito histórico, para reconhecer um sujeito colonizado racializado, duplamente destacado histórico e coletivo, essa ideia permite a Freire radicalizar sua crítica à pedagogia e à educação neocolonial moderna.

Vou apresentar algumas notas sobre a epistemologia e a abordagem metodológica na obra del maestro pernambucano. Si bien é certo que em as obras principais de Freire não encontramos uma seção específica chamada questão metodológica, mas podemos inferir em seu análise do capítulo 3 da *Pedagogia do Oprimido*, que ele desenvolve aqui su opção metodológica, questão que está intimamente ligada a sua reflexao epistemologica do capítulo 1. A epistemologia proposta está entrelaçada com uma abordagem metodológica que rompe com a ação meramente individual, a-histórica e objetiva do sujeito da pesquisa para propor uma ação que entrelaça o individual com o coletivo a partir de um contexto situado cujo objetivo é a libertação. Porque como diz Freire: *Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão*. E por outro lado, para Freire o objeto de reflexão desta pedagogia dos oprimidos deve ser a opressão, e a sua causa-objetivo, a libertação (1970). Vou, como eu diz, a focalizar em sua obra *Pedagogia do oprimido*.

Mas as questões metodológicas também podemos traçar na *Educação como prática de liberdade* (1967), *Extensão ou comunicação* (1969), *Cartas à Guiné Bissau* (1978) e na sua última obra *Pedagogia da autonomia* (1996). Lembremo-nos por um momento da ocasião em que a obra *Pedagogia do oprimido* foi escrita, da sua contexto de produção e depois vá para o texto. Freire escreve esta obra num contexto turbulento de grandes revoluções populares que se propõem a libertação do seu povo. Pois bem, vamos interrogar o seu texto e a partir daí desdobrar a sua epistemologia e abordagem metodológica. Quem escreve? Quem está falando? O que isso diz? Ou vejamos o significado, a conexão, as contradições, os pontos de fuga. Como o seu discurso diz o



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

que diz? Isto é importante porque a maneira como as coisas são ditas, a maneira como você as diz, também molda o que você diz. Neste nível de análise, o objeto de reflexão é o texto em estreita ligação com o contexto. Perguntas que não são respondidas dizendo: Paulo Freire nasceu em 1921 em Pernambuco. Perguntar quem fala implica perguntar-nos sobre como o autor se constrói dentro do próprio texto. É muito difícil existir um texto em que o autor não se construa.

Mesmo quando diz que não está ao longo da sua escrita, mesmo quando não diz nada sobre si mesmo, isso já é uma posição, uma perspectiva (Terán, 2015, p. 68). Freire não diz nada diretamente sobre si mesmo, mas se olharmos atentamente para o seu texto, para a sua dedicatória, para as suas primeiras palavras, para as referências das notas de rodapé, sabemos desde o início quem ele é e com quem fala e com quem fala: *Aos desharapados do mundo e a quem neles se descobrem, sofrem com eles e com eles lutam*. Levando isso em conta: observemos por um momento a epistemologia com a qual ele organiza seu primeiro capítulo de *Pedagogia do oprimido*: desumanização/humanização, dupla consciência, alienação, opressão, medo da liberdade, a relação opressor/oprimido, o processo de conscientização, a libertação, o papel do revolucionário, subjetividade/objetividade, praxis, relação dialógica.

São esses problemas que Freire escolhe para analisar sua experiência vivida com ativistas, com camponeses e com profissionais chilenos. Detenhamo-nos por alguns instantes na ideia inicial do capítulo I e depois nos aprofundemos nos elementos de sua proposta metodológica. Bem, em primeiro lugar, ubica à desumanização como: “realidade histórica” “Vocação negada em a injustiça , em a violência dos opressores” (Freire, 1970, p. 38) e o que isso implica, “aderência ao opressor” (p. 41), “zona do não-ser”³, em tanto, tensão histórica, temporal, corpórea da desumanização, ao mesmo tempo potência (Fanon, 1973) Por exemplo, em linha com Fanon, Freire assume essa

³ Para se aprofundar nesta categoria, recomendamos a leitura de *Pele negra, máscaras brancas* editada em 1951.



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

ideia da zona do não-ser, porque considera que a desumanização provoca tensão histórica, temporal e corpórea. Por isso localiza, a partir da desumanização, como Fanon, o problema do humanismo ilustrado, ou seja, como foi a constituição histórica da consciência dominada e colonizada. Freire faz uma analogia da sua ideia de oprimido com a figura dos “condenados da terra” de Fanon (1963). E analisa a desumanização a partir dos elementos da dialética do senhor e do escravo que Hegel proporciona, conjuntamente com a reinterpretação da dialética que Fanon sugere. No sentido do processo de identificação que sofre o oprimido, quem quer ser como o opressor-colonizador. Essa situação de alienação no opressor causa fascínio e desvalorização nos oprimidos. (Freire, 1970; Fanon, 1963).

O oprimido sente-se atraído pelo opressor e permanece em silêncio. Diante dele ele é uma *tabula rasa* se cala e quer ser como opressor, não quer seu reconhecimento mas sim ser como o opressor. É um problema de dupla consciência, destacará Freire em harmonia com Fanon. Neste ir e vir de teorias, o seu projeto rejeita explícita e implicitamente qualquer restrição discursiva, rejeita tudo o que impede a sua invenção e a sua crítica ao humanismo colonial moderno, e é aí que ele recorre a Frantz Fanon e Albert Memmi para a sua análise crítica. Agora vou aprofundar algo mais no problema da dupla consciência: O problema da dupla consciência. Freire se refere a Fanon, é que a vida é vivida em um Outro, o opressor, o branco, o colonizador, o mestre, e isso é a morte em termos culturais, a dupla consciência tem muitos frutos para a pesquisa, não apenas na dimensão identitária do pensamento existencial, mas também no seu enfoque na experiência vivida do oprimido. Afinal, a dupla consciência levanta considerações interessantes para a nossa compreensão da consciência. Sendo simultaneamente uma identidade e seu estranho. Freire a partir de Fanon pretende desbloquear a sua paralisia ao mesmo tempo que é uma porta de entrada para questionar o perigo e os riscos de habitar plenamente um dos dois pólos. (Aguirre-Aguirre, 2021).

Diz Freire:



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

Como Fanon me inspirou seria interessante, nesse sentido, chamar a atenção para ‘Os Condenados da Terra’, de Frantz Fanon (...) se constituem, esta consciência é indiscutivelmente de dominação. O que acontece é que eles introjetam neles o dominador (...). Há, portanto, necessidade de desenvolver um tipo de relação que problematize as relações homem-mundo (Freire, 1969, p. 24).

Mas isto não é um beco(callejón) sem saída, para Freire, a possibilidade da sua humanização reside em assumir a nossa própria desumanização. Desocultar-se, descobrir-se como objeto entre outros e questionar a natureza da alienação através da introspecção subjetiva, descobrir que se é oprimido e forçado a vivenciar o olhar e os desígnios do opressor é a possibilidade de combater o medo da liberdade e de se engajar na batalha contra o colonialismo e opressão. Podemos então considerar que com base nas contribuições ou em conjunto com Fanon, Freire está pensando em um novo humanismo.

E neste sentido, a pedagogia dos oprimidos é um caminho possível. O aspecto radical e inovador da sua proposta pedagógica é que esta pedagogia deve ser desenvolvida com os oprimidos na recuperação da humanidade perdida. Como eu indique no início: “o objeto de reflexão desta pedagogia dos oprimidos deve ser a opressão, e a sua causa-objetivo, a libertação” (Freire, 1970). Mas como podem desenvolver esta pedagogia de libertação, quando abrigam, como seres inacabados, o opressor? Freire pergunta. A resposta dele é que isso só é possível se reconhecerem a sua situação e participarem na construção de uma pedagogia libertadora (Freire, 1970, p. 34). Isto é, se desalienar é inventar uma forma ou uma possibilidade de uma nova (auto)criação e invenção. Isto implica uma realização prática num método que se baseia na urgência política e se caracteriza pela produção de conhecimentos outros.

Porque o problema da alienação/desalienação, da desumanização/humanização não é uma busca puramente individual, é uma busca que se tece na intersecção do individual e do social. Porque o complexo de inferioridade, como aponta Fanon, não tem origem apenas no econômico, mas também no histórico-social e na linguagem, pois



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

o que se produz é uma internalização ou epidermização dessa inferioridade num tempo e num espaço determinados, o que torna esta inferioridade não apenas um problema individual, mas também social e cultural. Freire estabelece sua posição filosófica e política, ou seja, uma epistemologia crítica a partir da qual analisa a relação pedagógica, o encontro *cara a cara* com o outro que ocorre em toda ação educativa e que deve ser dialógica.

Abordagem metodológica

Assim, a proposta de Paulo Freire deve ser compreendida sob as lentes de uma dupla dimensão: por um lado o que se refere à sua abordagem epistemológica e por outro, a sua preocupação com a questão metodológica. Isso se observa, não só na sua própria lógica de escrita, mas também na forma como ele está pensando a intervenção pedagógica. Sua abordagem dialético-fenomenológica é claramente observada em *Pedagogia do Oprimido*. É importante compreender que grande parte das reflexões do nosso autor têm como pano de fundo a experiência pessoal e a experiência de outros, nesse sentido a sua escrita pode ser caracterizada como uma obra vivida. Freire propõe, uma abordagem que se baseia na crítica à modernidade colonial em sua dimensão epistemológica e propõe a temporalidade e a experiência vivida como núcleo central da dimensão metodológica. E aqui está a influência de Frantz Fanon, presente tanto na dimensão epistemológica como epistemológica.

O sujeito não pode ser separado da sociedade e, sobretudo, da história da sua comunidade: cada problema humano pede para ser considerado a partir do tempo, a partir do seu contexto histórico-cultural. O propósito de Freire é que o presente sirva para construir um futuro. Acredito que apesar de todas as vicissitudes do nosso povo e do avanço do neoliberalismo, o objetivo de Freire foi cumprido porque o presente que ele viveu construiu um futuro para a educação popular. Para Freire é claro que



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

perguntar pela temporalidade, sobre o passado deve ter como objetivo dar sentido ao presente com a intenção de poder projetar um futuro de libertação.

Por isso para Freire é de extrema importância considerar: “Em relação à dimensão temporal e histórica, os homens podem tridimensionalizar o tempo (passado-presente-futuro) que, no entanto, não são departamentos estanques” (p. 123). Posso afirmar que Freire em *Pedagogia do Oprimido* leva em consideração o método da sociogênese proposto por Fanon (1973), pois seu interesse é elucidar a estrutura social à luz das escolhas individuais e escolhas individuais à luz das opções oferecidas pela estrutura social. Em outras palavras, o que Fanon propõe é que o estudo da sociedade requer uma análise que considere a sociedade como algo dinâmico, pois é através da intervenção ativa dos sujeitos humanos na história e nas estruturas que a sua transformação é possível.

Na análise sociogênico fanoniano, que Freire leva em conta, não considera o indivíduo como um sujeito isolado, mas sim nas suas relações em tensão com os outros e com as estruturas, com a sua história e linguagem imposta, ao mesmo tempo que a sua capacidade de transformação. Porque para Fanon, o estudo do homem colonizado não é algo que possa ser estudado a nível individual, uma vez que este problema, e aqueles que dele decorrem como o racismo, a objectivação do homem, as relações de dependência, entre outros, transcendem o nível individual. Para mudá-lo é necessária uma transformação do social; para Fanon, o telos ou objetivo final da pesquisa não é o autoconhecimento, mas a libertação. Invenção, zona de não-ser, temporalidade e humanização são, a meu ver, as categorias centrais do gesto descolonizador proposto por Fanon (1952/1973) e que Freire leva em conta.

Vejamos os principais elementos desse método fanoniano, que enriquecem nossa análise da abordagem metodológica, que contempla: o contexto histórico, a temporalidade, a estrutura social e a marca racial que a colonização e o humanismo moderno deixou nos territórios colonizados. Fanon diz em *Pele negra, máscaras brancas*:



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

socio-diagnóstico da subjetividade do negro, do colonizado, em que se apresentam dois níveis, o objetivo e o subjetivo, que se condicionam mutuamente. Isso pode ser observado nas diferentes posições que o negro adota frente à civilização branca (1973, p.11).

Não se busca uma gênese do fenômeno, mas sim uma análise que dê lugar à invenção: as perguntas e respostas devem partir dos povos colonizados. É um exercício introspectivo de consciência da própria alienação para questionar sua natureza e reconhecer-nos na “experiência vivida” (Fanon, 1973); ver-se como objeto do outro, toma da consciência da dupla consciência, reconhecer o esquema racial histórico como construção histórica de estereótipos, o corpo como receptáculo de linguagens estereotipadas (Fernandez Mouján, 2022a, 2022b). Da mesma forma que Fanon, é interesse e preocupação de Freire desnaturalizar a igualdade, mostrar os enganos e estruturas que sustentam a visão colonial opressora e a possibilidade de mudar esta situação.

É uma abordagem que auxilia na análise da desumanização sistemática dos sujeitos racializados e colonizados, sua perspectiva é transdisciplinar. Em vez da certeza que é ou quem é o outro, opta pela emergência da alteridade negada- “os condenados”, porque a aposta final da sua abordagem investigativa é a libertação. Para Freire, trata-se de teorizar ao mesmo tempo que se pensa uma práxis que transforma a realidade. Então... Qual é a metodologia que Freire escolhe para levar seu olhar crítico? Posso responder com segurança que a intervenção pedagógica de Freire se materializa no “círculo de cultura” (Freire, 1967, 1970). Esta categoria de círculo de cultura é um dos conceitos centrais de toda a obra de Paulo Freire.

Se revermos a sua historicidade e traçarmos uma breve genealogia do conceito, podemos localizar o momento inicial da sua formulação em *A educação como prática de liberdade* e sua reformulação: - como “círculo temático de pesquisa” em *Pedagogia do Oprimido*. É interessante observar em Freire como não é possível pensar uma episteme



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

crítica a menos que ela esteja entrelaçada com uma ação metodológica. Ou seja, teoria e prática implicam-se mutuamente. Porque para Freire não é um método simples de alfabetizar, mas sim uma práxis dialógica. No círculo de cultura e/ou círculo temático de pesquisa, o diálogo deixa de ser um simples método ou técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência pedagógica centrada no pressuposto de que ensinar-aprender é aprender-ensinar para tomar a palavra para problematizar uma situação limite que surge do interesse comum para propor coletivamente caminhos possíveis para transformar o problema.

No primeiro momento de sua produção, Freire analisa teórica e metodologicamente uma ação educativa e cultural que defende a inclusão de analfabetos no desenvolvimento de seu país. Isso ocorreu no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta do século XX e o resultado deste trabalho está materializado em seu livro *Educação como prática de liberdade* publicado em 1967. É na experiência de Angicos em 1963 que Freire e sua equipe decidem intervir no território alfabetizando a partir da metodologia dos “círculos de cultura”. Termo que se baseia por um lado na tradição camponesa pernambucana onde os problemas político-culturais são discutidos de forma horizontal e dialógica. E por outro lado, articula-se com uma ideia de cultura como ação do homem no mundo, como instrumento, como conjunto de obras materiais ou espirituais que emergem da ação de homens e mulheres. No segundo momento da produção realiza uma virada política, sua preocupação é questionar as relações desumanizantes que ocorrem no encontro entre opressores-oprimidos em a estrutura de dominação e como ela está presente nas relações pedagógicas. Sua intenção é contribuir com os processos revolucionários que ocorrem nos países do Terceiro Mundo. Isso pode ser lido na publicação *Pedagogia do Oprimido*.

Neste sentido, o “círculo de cultura” passa a se chamar “círculo de investigação temático de pesquisa” (CIT). Aqui ele reformula a proposta metodológica dos círculos de cultura e articula a ideia de diálogo e cultura com os conceitos de desumanização,



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

alienação, libertação e revolução. O círculo da pesquisa temática torna-se uma ferramenta de intervenção política que permite falar e analisar coletivamente, no território habitado pelo povo, as situações-limite e quais são as relações de poder dicotômicas impostas (humanização- desumanização, opressor-oprimido, rico-pobre, civilizado -bárbaro, culto-inculto, sabendo-não sabendo). Freire entende que a círculo de investigação temática é condição de possibilidade de olhar criticamente o mundo de forma horizontal, dialógica e coletiva para transformá-lo.

Assim, a CIT torna-se um espaço para uma práxis política que desafia o poder dominante. Se nos aprofundarmos um pouco mais no Capítulo III, podemos ver com clareza a proposta metodológica, e como o diálogo é a força motriz do CIT, e o ponto de partida de toda ação investigativa e pedagógica. O diálogo no CIT, é o motor do encontro com o povo e, é do diálogo com o povo que devem surgir os temas geradores ou universos temáticos da práxis pedagógica (Freire, 1970). O que Freire propõe é uma abordagem psicossocial dialógico que implica quatro momentos fenomenológico- dialéticos: 1º pesquisa temática em no contexto 2º Codificação 3º Decodificação 4º Conhecimento. De outro modo o que também chama: 1º momento: Leitura do mundo, 2º Leitura do mundo e da palavra, 3º Leitura do mundo e da palavra criticamente, 4º Conhecer para transformar o mundo junto com outros (Freire, 1970, 2000, 2002; Fernández Mouján, 2016). Esses quatro elementos refletem a leitura de mundo feita pelos sujeitos, ou seja, tornam visível a forma como o sujeito assume e explica o lugar que ocupa no seu contexto local e global. Seu desenvolvimento é gradativo, pois busca-se que a cada momento do processo aumente o grau de reflexão e ação dos sujeitos (Trejo Catalán et. al, 2018, p. 51).

Você poderá ler no Capítulo III da *Pedagogia do oprimido* os conceitos que enriquecem este análise identifico os principais e você poderá lê-los: 1. O conteúdo programático deve ter uma etapa prévia de investigação do universo vocabular com as pessoas, ou seja, um momento de busca conjunta. 2. Identificação de um “tema



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

gerador” isso parte do contexto, que não se trata de uma criação arbitrária ou de uma hipótese de trabalho que deva ser comprovada. Sim, o importante é apreendê-lo na sua riqueza, no seu significado, na sua pluralidade, no seu futuro e na sua constituição histórica. 3. EO diálogo medeia a nossa relação com o mundo, através do diálogo nos separamos dele para objetificá-lo. 4. O diálogo permite superar “situações-limite”, que não devem ser encaradas como se fossem barreiras intransponíveis, além das quais nada existe. 5. No exato momento em que tomamos consciência, esses obstáculos tornam-se “destaques percebidos” (Freire, 1970, p. 117-143).

Em síntese, são as categorias da temporalidade e do diálogo que organizam a sua abordagem metodológica que: “Será baseado na situação atual, existencial e concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo (para) organizar o conteúdo programático da educação” (Freire, 1970, p. 115). Assim a dimensão da temporalidade tensiona a ideia de história colonial moderna, que Freire tenta criticar na esteira de Fanon. O que existe é uma temporalidade e não uma história porque o sujeito colonizado está fora daquela história moderno colonial- ilustrada. Portanto, as perguntas e respostas devem vir de dentro da sociedade colonizada. “Quem melhor que os oprimidos estará preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? (...) Quem mais do que eles para compreender a necessidade de libertação? (Freire,1970, p.40). Entre outras coisas, ou talvez a principal, a alienação é uma categoria que, juntamente com a temporalidade, não pode ser ignorada se quisermos sustentar a metodologia crítica que Freire propõe.

Aqui a ordem da invenção e da criação não pode ser deixada de lado. É necessário considerar estes dois movimentos de inventar e criar, mas não como ações meramente individuais, mas sim como ações individuais que se somam a uma práxis coletiva. Em síntese: Trata-se de uma opção metodológica que entrelaça o método sociogenético de Fanon com o método do círculo de cultura e temático de pesquisa e com os aportes da etnografia. Em outras palavras, o opção metodológica do



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

diálogo, Freire propõe nos situarmos num espaço e tempo que nos permita historicizar e contextualizar nossas ações. Diz Freire: a metodologia que defendemos é uma tarefa educativa e de ação cultural e exige, por isso, que no fluxo da investigação ambos sejam sujeitos da pesquisa, tanto os pesquisadores quanto os homens e mulheres do povo (1970, p. 131).

Indisciplinando nossa pesquisa

Neste ponto, após analisar algumas questões centrais das teorias críticas periféricas e aí situar meus reflexões teórico-metodológicas freireana, gostaria de propor uma praxis indisciplinada. Porque indisciplinar nossa pesquisa é: inventar, promover a horizontalidade dialógica e intervenção política. Indisciplinar a nossa tarefa é não é esquecer a pergunta, a suspeita e a dúvida como motores do conhecimento. Isso implica perguntar sobre o nosso trabalho investigativo para criticar e produzir conhecimento a partir de um plano horizontal, ou seja, com todos os participantes desse espaço (educadores educandos, pesquisadores e pesquisados).

É suspeitar de dois quadros epistemológicos e metodológicos hegemônicos que compartimentam e verticalizam as relações entre pesquisadores e pesquisados. Indisciplinar para interrogar a relação sujeito-objeto, onde e quando o conhecimento é produzido, ou seja, ou território e a ligação entre ciência e conhecimento da experiência vivida para produzir conhecimento crítico (Fernández Mouján, 2023). Indisciplinar é assumir a horizontalidade como perspectiva metodológica “equalizar os termos entre pesquisadores e pesquisados” (Cornejo e Rufer, 2020) e estabelecer um diálogo entre conhecimentos, não a partir de certezas ou receitas a seguir, ao mesmo tempo que a pesquisa é em si um problema. Indisciplinar o nosso trabalho de investigação é intervir politicamente, embora seja uma ação que produz conhecimento e que é indissociável da vida social.



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

Portanto, ser indisciplinada e indisciplinado é contribuir para uma ciência que luta por um humanismo crítico que se responsabilize pelo seu próprio fracasso, pelo silenciamento do colonial, em suma, um humanismo descolonizador. Ser indisciplinada-indisciplinado é desnaturalizar o nosso quadro de referência para desdobrar um mapa estratégico, para observar as nossas tensões entre as nossas questões centrais e as evidências, que muitas vezes são devolvidas como pergunta ou espectros. Reconhecer que os nossos procedimentos se baseiam em contradições e ambivalências produzidas pelo tratamento das evidências, porque estamos condicionados pela nossa perspectiva, pelo nosso interesse. É por isso que é fundamental considerar que as evidências não são meros dados.

As evidências levam em conta fontes orais, mitos locais, documentos de arquivo, notas de campo, a produção simbólica e contextual de comunidades, e também, a fala dos sujeitos e dos informantes-chave que administram e apresentam informações em suas conversas e em as entrevistas. É importante notar que todos esses elementos evidenciam a tensão entre o passado e o presente. As evidências conseguem-se dá observações e observações participantes, entrevista, olhar pelos arquivos, diário de campo, análise documental são as técnicas que organizam antecipadamente a apresentação dos resultados. Se trata de: Escrever sobre a vida dos outros, em momentos críticos da história, sem julgar, mas expondo a densidade da experiência (Gorbach e Rufer, 2016).

Em síntese, tudo isto implica reconhecer- nos atravessados pela colonialidade do poder questionar-nos e interrogar-nos sobre a divisão disciplinada do conhecimento e as suas abordagens metodológicas instrumentais e positivistas, as hierarquias e a falsa dicotomia do saber-não saber. Porque entendemos que o conhecimento é construído a partir de nossas próprias experiências de vida e a partir duma temporalidade e dum horizonte localizado em inter-relação e conflito cognitivo com outros saberes.



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

Referências

AGUIRRE-AGUIRRE, Carlos **La noche de la invención: Frantz Fanon, Aimé Césaire y la génesis de una filosofía del cuerpo colonizado.** En Colección Tesis Doctorado, Mendoza: UNCuyo, 2021.

<https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/28518>

CATELLI, Laura. Lo colonial en la contemporaneidad. Imaginario, archivo, memoria.

Tabula Rasa, N° 29, p. 133-156. 2018. Disponible:

Doi: <https://doi.org/10.25058/20112742.n29.07>

CORNEJO, Inés y RUFER, Mario (coord) **Horizontalidad : hacia una crítica de la metodología.** Buenos Aires: CLACSO; México: Centro de Estudios Latinoamericanos Avanzados -CALAS, 2020.

Dardot, Pierre y Laval, Christian. **La nueva razón del mundo. Ensayo sobre la sociedad neoliberal.** Barcelona: Gedisa. 2013.

FANON, Frantz. **Los condenados de la Tierra.** 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica. 1963.

FANON, Frantz. **Los condenados de la Tierra.** 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica. 1963.

FANON, Frantz. **Piel negra, máscaras blancas.** Buenos Aires: Abraxas. 1973.

FERNANDEZ MOUJÁN, Inés. Frantz Fanon y Paulo Freire: contextos de producción y sus críticas al orden colonial. **Coloquio Red Anticolonial.** 2023. Disponible en:

<https://redanticolonial.com/eventos/coloquio-frantz-fanon-y-paulo-freire-contextos-de-produccion-y-sus-criticas-al-orden-colonial/>

FERNANDEZ MOUJÁN, Inés Demarcaciones Fanonianas en la escritura político pedagógica de Paulo Freire. En DE OTO, Alejandro y BIDASECA, Karina. comp. **Frantz Fanon y Édouard Glissant: once ensayos desde el Sur.** 1. ed. Mendoza: Qelqasqa, p. 169-202. 2022a. Disponible:

<https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/171370/1/Frantz-Fanon-Edouard-Glissant.pdf>

FERNANDEZ MOUJÁN, Inés. Lecturas freireanas a 70 años de Piel negra, Máscaras Blancas. *Ágora philosophica. Revista de Filosofía*, Vol. 21. n° 45/46, p. 26-45. 2022b.



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

FERNANDEZ MOUJÁN, Inés. *Elogio de Paulo Freire*. 1. ed. Buenos Aires: Noveduc. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía del oprimido**. 1. ed. Montevideo: Tierra Nueva. 1970.

FREIRE, Paulo, **Acción cultural liberadora**. En *Revista Vispera*, Montevideo, 1969.

FREIRE, Paulo. **Cartas a quien pretende enseñar**. Buenos Aires: Siglo XXI. [1993] 2002.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guinea Bissau**. Buenos Aires: Siglo XXI. [1978] 2000.

GAGO, Verónica. **La razón neoliberal : economías barrocas y pragmática popular**- 1a ed. Buenos Aires : Tinta Limón. 2014.

GORBACH, Frida y RUFER, Mario. **(In)Disciplinar la investigación. Archivo, trabajo de campo y escritura**. México: Universidad Autónoma Metropolitana: Siglo XXI . 2016.

GRÜNER, Eduardo. Teoría crítica y Contra-Modernidad”. En Gandarilla José (coord.) *La crítica en el margen. Hacia una cartografía conceptual para rediscutir la modernidad*. México: Akal, 2016, p. 19-60. 2016.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Frantz Fanon's reception in Brazil. En **Lusotopie**, Volume 16, Number 2, pp. 157-172. 2009.

HALL, Stuart. ¿Cuándo fue lo postcolonial?" **VV. AA. Estudios postcoloniales. Ensayos fundamentales**. Madrid: Traficantes de Sueños. 2008.

LAVAL, Cristhian y DARDOT, Pierre. **La nueva Razón del mundo**. Barcelona: Gedisa. 2013.

MBEMBE, Achilli. Necropolítica. **Mesulina**, España, p.32. 2011.

MIGNOLO, Walter. El lado más oscuro del Renacimiento. **Universitas Humanística**, 67(67). Bogotá. 2009. Disponible:

<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/2135>

MIGNOLO, Walter.. Un paradigma otro’: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. En: **Historias locales-diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal.2003.



Inés Fernández Mouján – Universidad Mar de Plata

QUIJANO, Aníbal. 2000. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-Systems Research**, vol. XI, n. 2, p. 342-386, Summer/Fall. 2000.

RUFER, Mario (coord.) **La colonialidad y sus nombres: conceptos clave**. México: Siglo XXI Editores, CLACSO, 2022.

TERÁN, Oscar. Historia de las ideas en la Argentina. Diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo XXI. [1980] 2015.

TREJO Catalán, José; AVEDAÑO PORRAS, Víctor y PANO Carolina. Repensando el método alfabetizador de Paulo Freire a partir de la Pedagogía de la indignación. GIL, Rafael Lucio (et. al.) **Formación docente y pensamiento crítico en Paulo Freire**. Buenos Aires: CLACSO y CRESUR. p. 47-62 . 2018.

TROULLIOT, Michel. Moderno de otro modo. Lecciones caribeñas desde el lugar del salvaje **Revista Tabula Rasa**, Colombia, n. 14, p. 79-97.2011.

<https://revistas.unicolmayor.edu.co/index.php/tabularasa/article/view/1406>

Recibido: 07/11/2024

Aprovado: 10/11/2024